ANO 9.º — Sexta-feira, 2 de Junho de 1916 — NUMERO 424

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

DIRECTOR E EDITOR
Arnaldo Ribeiro
—(*)—
PROPRIEDADE da EMPREZA

Oficina de composição, R. Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luiz de Camões—Aveiro

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

Ao povo português

(4.º MANIFESTO)

—=—(*)=—

Concidadãos!

Falar da aliança secular entre Portugal e a Inglaterra corresponde a evocar algumas das mais bélas paginas da Historia das duas nações.

Não é sem grande razão que se póde invocar essa aliança, no momento em que a Inglaterra aguenta nobre e corajosamente as investidas dessa Alemanha que, depois de haver sentido a veleidade de ter o previlegio da cultura entre as nações do mundo, parecia animada do vil proposito de conquistar a hegemonia mundial, arrebatando nas suas mãos crispadas de odios e esmagando sob os seus pés encascados de tanto tripudiar, as noções mais fundamentais do Direito e da Justiça dos povos.

A aliança luso britanica foi invocada pela Gran-Bretanha, antes de ser recordada por nós, ao rebentar o actual conflito, porque a grande nação aliada e amiga reconheceu, desde principio, que a cooperação de Portugal lhe podia ser valiosa, sobretudo em Africa, onde interesses alemães haviam de ser sucessivamente rebatidos e onde dispomos de uma influencia muito para apreciar e não menos para utilisar.

Na memoravel sessão do congresso da Republica Portuguêsa de 7 de agosto de 1914, o chefe do govêrno, que era o actual Senhor Presidente da Republica, recordava que, logo apoz a proclamação da Republica, todas as nações se apressaram a declarar-nos a sua amizade e uma delas, a Inglaterra, a sua aliança. Asseverava, logo a seguir, que *por nossa parte, temos feito incessantemente tudo para corresponder a essa amizade, que devéras prezamos, sem nenhum esquecimento, porém, dos deveres á aliança que livremente contraimos e a que, em circunstancia alguma faltariamos.*

Recordava então o dr. Afonso Costa, com o aplauso de toda a assembleia e galerias, que *essa aliança impõe deveres, que são, já hoje, direitos honrosos e nobilitantes, de que ninguem póde dispensar-se, porque na sua expressão vamos firmar a nossa existencia como nacionalidade, ao par e ao lado da nação nossa aliada que tem hoje a mais elevada força do Universo.*

Não podia ser de outra fórma!

O famoso tratado de 16 de junho de 1878 é, de certo, um dos mais antigos documentos diplomaticos arquivados na chancelaria inglêsa e tanto basta para assinalar a antiguidade e constancia da aliança entre Portugal e a Inglaterra.

Essa aliança, consagrada perante a Historia, foi engrandecida pela aliança entre as duas familias dinasticas do seculo XIV, de cujo tronco brotou a *inclita geração de altos infantes* que foi mais do que uma gloria de Portugal: é a gloria da humanidade e da Civilisação.

Duas vezes a Inglaterra nos prestou auxilio para mantermos integra a independencia e a liberdade nacional. Duas vezes os seus soldados pelejaram brilhantemente ao lado dos nossos contra os inimigos da Patria portuguêsa. Por uns e por outros se repartiram, mais de uma vez, os loiros da vitória, em recontros que ficaram célebres na Historia e em arremetidas só proprias de herois.

No momento actual, a aliança não é invocada para que os dois exercitos se unam na defeza de uma Patria ameaçada: é convocada a sua união sagrada para em comum defenderem o Direito e o Progresso, tão ignominiosamente ameaçados pelo desvairamento teutonico. E', pois, a causa da Civilisação mundial que, neste momento, expressa a objectivação da aliança inglêsa.

Tanto basta para que em quaisquer circunstancias o logar de Portugal estivesse marcado a par das nações verdadeiramente cultas. A aliança luso-britanica guia-nos, porêm, na direcção dessa nação que se ergueu como paladino intemerato da civilisação do mundo.

Ela quere-nos para companheiros da sua causa, como expressamente o declarou em documentos irrefragaveis. O nosso dever é acudir, sem hesitações nem delongas, a tão honroso apelo.

Tão grande é o papel distribuido a Portugal no conflito actual, que o govêrno alemão se sentiu invadido da inveja dele. No auge do seu despeito e do seu dementado cesarismo, julgou ferir o nosso brio nacional, acoimando de vassalagem o que é a mais pura e a mais honesta cooperação. Mais uma vez mentiu! Mais uma vez atassalhou a honra devida aos tratados, que não são, nunca foram, nunca poderão ser *farrapos de papel*, para as nações com brio, para as nações que não mercadejam a sua honra, nem vilipendiam a honra alheia.

A Alemanha conhece e sente todo o peso da aliança luso-britanica; não ignora que essa aliança é de caracter ofensivo e defensivo entre os dois países e que assim ficou expresso ao renovar-se o primitido pacto, em 1386 e em 1642.

A Alemanha, que não duvidára zombar impunemente da neutralidade da Bélgica, pretendia, talvez zombar tambem de um povo pouco maior do que a beroica nação belga e queria, sem duvida, que esse povo mentisse a todo o seu passado e fizesse da lealdade tipica de herois da grandeza de Egas Moniz e D. João de Castro, a vil moeda com que se compram comodidades e gósos!

Redondamente se enganou!

Na historia das alianças a tradição germanica é tudo quanto ha de menos respeitavel, tudo quanto ha de mais deprimente. Desde a *Santa Aliança*, de ha um século, que o rei da Prussia firmou, para mais tarde quebrar, até á *triplice aliança*, formada em 1883, e que teve sorte vária, pela acção dubia e desleal de Bismark, a Alemanha demonstrou sempre o menor respeito pela fé dos contractos.

Pretendia que fôsse da mesma estôfa a gente portuguêsa! Redondamente se enganou, mais uma vez repetimos!

Sempre os mesmos processos desliaes, sempre os mesmos processos incorrectos. Aprenderá com a acusação agora vibrada pelo Presidente Wilson, que lhe lançou em rosto a falta de cumprimento de promessas formais com respeito ao emprego dos submarinos? Aproveitar-lhe-á a lição do mais alto magistrado dos Estados-Unidos que, constatando o procedimento da Alemanha desde Fevereiro de 1915, vendo, como ela falseia as esperanças dum respeito honesto pelos bons principios, escreveu na sua nota: — *Ficou provado que essas esperanças se não justificaram, que é impossivel cumprir taes promessas?*

E' para duvidar que a lição aproveite.

Concidadãos! A aliança luso-britanica pesa no conflito europeu, porque leva interessadas para a luta duas nações gloriosamente unidas em anteriores pelejas pela Liberdade dos povos.

Escreveu Herculano que a *origem dessa intima aliança tem a data escrita no mais glorioso monumento do país. A Batalha recorda-nos que ha um pacto perpetuo, asselado com sangue, entre Portugal e a Inglaterra. Quando o povo português deixar de ser o irmão e amigo do povo inglês tem de derribar primeiro o templo de Santa Maria da Vitória e de lá, do cimo das suas ruinas, sobre os ossos de D. João I, o arauto da discórdia tem de anunciar ao mundo que o velho pacto expirou.*

Saibâmos honrar as palavras do grande historiador português!

Que, em vez do arauto da discordia, paire sobre as nossas cabeças o arauto da Vitória, tantas vezes ouvido, em dias de gloria, quando proclamavam aos quatro ventos, das ameias das fortalezas e dos redutos dos campos de batalha, que o triunfo era nosso.

Cooperadores da Inglaterra na obra da Civilisação futura, mais uma vez triunfaremos!

Tenhâmos confiança!

A Junta Patriotica do Norte

CAVALARIA 8

Partiu tambem para o campo de concentração, em Tancos, ás 8 horas e meia da manhã de terça-feira o 1.º esquadrão de cavalaria 8 composto de 254 homens do efectivo e sob o comando do capitão Natividade.

Antes foi-lhe passada revista pelo sr. general da 5.ª divisão militar na esplanada do Côjo, iniciando a força a sua marcha por entre alas de povo aglomerado em todas as ruas do trajecto para se despedir do resto da guarnição da cidade.

Acompanharam-no, como medicos, os nossos conterraneos tenente José Maria Soares e o dr. Marques da Costa, este no posto de alferes.

Films...

Ingenuidades...

O *Seculo* de domingo ultimo, noticia, sob o titulo—*Inspecções militares*—que foi nomeada uma comissão incumbida de remodelar a tabela das isenções, de fórma a evitar que sejam isentos do serviço militar mancebos que, uma vez livres, se vão dedicar a serviços tão violentos, ou mais, que os das armas.

Santa ingenuidade a do *Seculo* e dos mais que assim pensam...

Então julgam que é por defeito da tabela das isenções que são dados por incapazes mancebos perfeitamente aptos para o serviço militar?

Porque é, sabe-o toda a gente, incluindo o *Seculo*, que ainda ha uns dois anos publicou elucidativas cartas a esse respeito...

Trata-se simplesmente da *santa empenhoca*, quando não de coisa peor...

A reintegração

Lêmos numa correspondencia de Elvas:

> «Tem causado desagradavel impressão nesta cidade a noticia de que vão ser reintegrados os amanuenses da administração deste concelho Ferreira e Caldeira, ultimamente demitidos por grandes roubos praticados na mesma administração.»

A tanto não esperavamos nós que a *união sagrada* désse origem. Contudo é o que se vê. Queixa-se Elvas e queixam-se os republicanos de muitas outras partes que as repartições estão pejadas de gatunos.

O' da guarda! O' da guarda!

Triste

O *Distrito* apareceu domingo passado por essas ruas, de braço dado com o *Bébes*, a berrar tambem que o ilustre capitão do porto é... democratico.

Se o Cadão e o Maçarico se lembram de repetir o dito, aí temos o *Distrito* de mistura com os novos amigos por todas as viélas e becos a dizer com eles.

Bôa camaradagem, sim senhores!

Vão muito bem nesse papel e em tão honrosa e distinta companhia, encostadinhos a tão pindaricos argumentos...

Um remendo

A náu do Estado, que ha dias estava de agua aberta pela saída do sr. dr. Pereira Reis a quem não houve possibilidade de fazer conservar mais tempo na pasta do interior, foi, finalmente concertada com a substituição de s. ex.ª pelo sr. coronel Brás Mousinho de Albuquerque, o qual ao tomar posse, na terça-feira, fez salientar trez das qualidades que se orgulha de possuir: o seu grande amor á Patria, a sua grande lealdade e dedicação á Republica e a sua grande vontade de ser util para o bem comum.

Pois que a náu assim remendada singre, vencendo todas as tormentas que porventura venham a desencadear-se durante a dificil derrota, é o que todo o país estimará, bemdizendo dos que se sacrificam nesta hora por amor á Patria e ás instituições.

Raridade—O *bonet*, de *parafuso*, dum celeberrimo ex-tenente miliciano... *homem politico*, *politico republicano* e *republicano democratico* antes de haver pardaes...

A PESCA NA RIA

Historiando—Ainda o Regulamento de 1867, pôsto em vigor em 1868—Continúa-se provando que o „botirão", a „chincha", etc., não são rêdes perniciosas...

Concluamos hoje as transcrições do Regulamento mandado pôr em execução em 26 de maio de 1868, isto é, há quási meio século, e pelo qual eram sumàriamente proibidas, como o leitor já viu, todas as rêdes de malha estreita, ou fôssem todas as que tivessem a malha menor de 3 centímetros por lado, e as de arrastar, varredouras, *botirões*, *nassas*, *chinchôrros*, *lenções*, *tresmalhos*, *covões*, *galritos*, *tarrafas*, ou quaisquer outras iguais, ainda que de diferentes denominações. E êste Regulamento que—quem sabe?—talvez seja reputado pelos pescadores de águas turvas, a quinta-essência do liberalismo em matéria de liberdade de pescar, êste Regulamento não concedia ao pescador o mínimo período de tolerância para que substituisse os aparelhos condenados.

A prática de longos anos demonstrava a perniciosidade dos aparelhos referidos? Pois proiba-se o seu emprêgo devastador, porque **a tolerar-se a continuação dos abusos existentes,** dizia o edital, **todos os esforços seriam baldados para melhorar a indústria da pesca, e a sucessiva diminuição das espécies seria a sua conseqùência inevitável.**

E seria esta proibição desacompanhada de penalidades para os infractores? Seria necedade julgá-lo e requintada má fé ocultá-lo a todos os que carecem de saber a verdade, de conhecer toda a verdade nesta questão á volta da qual, em todos os tempos, se tem movimentado a mais torpe exploração, sempre acobertada por todos os pretextos de que as ocasiões permitem lançar mão.

Não estamos aqui a enganar quem quer que seja, nem intúitos reservados nos guiam a mão com que escrevemos. Já o dissémos, mas não é de mais repetí-lo, pois de sóbra conhecemos a solércia com que aí se deturpam as intenções alheias, e se mascara e torce a verdade, quando conveniências de campanário assim o pedem.

O Regulamento, actualmente em vigor, é de *queima a rêde e de caça á multa*, como é já uso dizer. Vá-se embora o sr. Jaime Afreixo, visto que se não resolve a deixar de não o cumprir; visto que o não suspende, como se o capitão do pôrto tivesse atribuições para suspender leis! Este ou qualquer outro.

Mas vamos a transcrever do Regulamento de 1867, mandado pôr em execução em 26 de maio de 1868:

> Art. 10.º—**Serão apreendidas todas as rêdes encontradas em contravenção dêste regulamento,** e entregues com seus donos, ou portadores, à respectiva autoridade que houvér de julgar a infracção.

Quer dizer: todas as rêdes de malha inferior a 3 centímetros por lado, tivessem ou não as denominações consignadas no já transcrito art. 18.º, estavam sujeitas a apreensão.

Aparecia o *botirão*, armado nos canais da ria? A sua *secularidade* já há meio século lhe não dava privilégio. Os *algozes* deviam aprendê-lo, fazendo o mesmo a todas as demais rêdes **toleradas por abuso e ignorância duns, e incúria de outros, e sempre com prejuizo das águas e da alimentação do povo.**

Rêdes toleradas sempre com prejuizo das águas e da alimentação do povo! Note bem o leitor: **com prejuízo da alimentação do povo!**

Em *flutuantes*, *varredouras* e *fixas* dividiu o sr. Francisco Regala as rêdes usadas na ria de Aveiro, constituindo o segundo grupo a *chincha*, o *chinchôrro*, a *tarrafa* e a *mugeira*. Desta última havia, ao tempo, apenas duas em toda a ria, de que eram donos pescadores da Murtosa.

Confrontem-se os seus nomes com os das rêdes proibidas pelo art. 18.º do Regulamento de que nos vimos ocupando, e leiam-se as seguintes afirmações feitas por quem, como o sr. Francisco Regala, é autoridade no assunto:

> A simples inspecção das rêdes (refere-se às *varredouras* em cujo número se encontra a *chincha*) que acabâmos de descrever, basta para **levar a todos o convencimento do prejuizo que o seu emprêgo causa** às criações ictiológicas.
>
> **Condenadas pela nossa legislação e pela de todos os países,** principalmente quando usadas nas águas interiores, como as de que tratâmos, **existem na ria de Aveiro, desassombradamente, por um abuso imperdoável, aperfeiçoadas no seu poder destruidor** com malhas de dimensões restritíssimas.
>
> **Varrem** assim **os fundos, esmagando os desovamentos,** arrastando consigo as plantas marinhas, **colhendo no seu saco os peixes de todas as qualidades, não poupando as mais pequenas espécies e os embriões de todos os animais que procriam ou se desenvolvem na ria.**
>
> **Durante todo o ano trabalham nesta selvagem exploração, cujó produto é em grande parte incapaz para servir de alimento,** pelas suas ínfimas dimensões.
>
> Diz-se que são elas que pescam em maior quantidade as enguias, espécie que mais abunda na ria e que seria talvez em grande parte desaproveitada, sem o seu emprêgo. Mas, de envolta com as enguias, **que quantidade de incalculável de alimento destroem nos peixes diminutíssimos que não pódem livrar-se das suas malhas de 0m003?**
>
> Que quantidade de ovos esmagam, varrendo os fundos, ou arrastam nas plantas marinhas que colhem?
>
> Que influência exercerão nos bancos de moluscos sôbre que passam, na época da desova?
>
> **E prosseguem no seu emprêgo os pescadores, convencidos do prejuizo que a si próprios causam,** mas forçados pelas necessidades de momento, segundo dizem. **Preparam assim um futuro de miséria, obstando ao desenvolvimento de miriades de embriões que lançam para o escasso.**

Seja-nos permitida aqui uma pequena discordância. Não nos parece admissível que o pescador prossiga no emprêgo das *varredouras* com a consciência de que a si próprio se prejudíca, destruindo as criações e esmagando os desova-

mentos, que, com a *folhada*, vende ou vendia, por preço vil, para adubo das terras. Não; essa convicção não a tem êle. Não tem a previsão do *futuro de miséria* de que a sua pertinácia de teimoso cego, insuflada por interesseiros *protectores*, os não livraria nem livrará, sem prejuizo da alimentação do povo, de que êle, pescador, como nós, somos parte constituinte.

Mas o que é o *escasso*?

Di-lo ainda o sr. Francisco Regala:

E' êste o nome de mais um adubo com que a ria beneficia os extensos campos que a marginam, adubo de tal fôrça restauradora, que se emprega *semeando-o sôbre o terreno escassamente*, facto êste de que lhe provêm o nome provavelmente.

O escasso é composto dos detritos das pescas e das espécies impróprias para a alimentação, ou pelas suas qualidades ou suas ínfimas dimensões, de mistura com a folhada que as *varredouras* trazem do fundo. O caranguejo, o camarão bruxo, mouro, vermelho e a enguia são os principais elementos dêste adubo, em que **entram em grande proporção, também, os embriões de todas as outras especies.**

Qual será o valor dos pequeníssimos peixes que as varredouras destroem com êste destino?

Averiguou o sr. Francisco Regala que só os pescadores de Aveiro empregavam então, durante os três mêses da *montée*, ou fôsse desde fevereiro até abril, 40 *chinchas*. E acrescenta:

Ora, supondo que no produto diário da pesca de cada uma destas rêdes vem apenas 6 gramas de enguias entradas, o que está muito abaixo da realidade, porque êste peixe é dos maiores componentes do escasso e bastam, pouco mais ou menos, 24 daquêles indivíduos, para perfazerem o pêso acima, (1.800 enguias, no espaço de quatro ou cinco anos, pódem atingir um pêso de 3.000 quilogramas. Introduzimos aqui este parêntesis para elucidação do leitor, pois semelhante dado estatístico não pertence à passagem que estâmos transcrevendo, muito embora o tenhamos colhido na mesma fonte) teremos para a colheita diária das 40 chinchas, 240 gramas, ou nos setenta e cinco dias de trabalho 39 libras e um pouco mais.

Estas 39 libras produziriam, no fim de quatro ou cinco anos, 117.000 quilogramas de peixe, que vendidos a 50 réis, preço inferior a metade do actual, valeriam 5:850$000 réis ou 1:170$000 réis anualmente.

A quanto se elevaria esta quantia, entrando em conta com as varredouras de Ilhavo e da Murtosa, muito mais numerosas e de dimensões mais avantajadas?

E devemos notar que o cálculo é puramente fantástico, porque supõe uma destruição pequeníssima, confrontada com o que realmente se dá.

O que se passa com a enguia, sucede igualmente com outras espécies cujos embriões as varredouras devastam e cujo crescimento não é menos rápido, nem importante, do que o daquêle peixe.

Ficará o que ainda temos que dizer, para outros números, pois ainda hoje não concluímos as transcrições que nos propunhamos fazer. E' que o assunto é vasto e o jornal nem só dêle se ocupa.

Quem será?

Pelo telegrama que se segue verão os nossos leitores que tudo quanto aqui reproduzimos a proposito da existencia dum ente sobrenatural que afirmavam viver em Vagos, não passou de pura invenção de alguem de bom gosto, que se quiz divertir e divertir-nos.

Eis, pois, o que nos diz o nosso enviado especial áquelas paragens:

Vagos, 2 ás 8 horas

Democrata
Aveiro

Só consegui ontem falar com quem poderia esclarecer ácêrca da existencia do ente misterioso que procurâmos. O sr. dr. Nordéste afirmou solénemente sob a sua palavra que não existe tal personagem, que facilmente qualquer compreenderia ser impossivel reunir o maximo das perfeições em pensamentos, palavras e obras e que tudo o que alarmou o publico não passa duma engraxadela.

Sigo para os Cucos.

Camarada,

Flautas

Notas mundanas

Foi de novo colocado no Chinde, onde já esteve perto de trez anos, o nosso presado amigo e distinto farmaceutico do quadro do ultramar, sr. Raul Ferreira Vidal.

Com curta demora esteve entre nós o velho republicano, residente em Lisboa, sr. João Ferreira.

Tem estado doente a dedicada esposa do capitão farmaceutico, sr. Marques da Naia.

Tambem se acha bastante encomodado de saude o nosso bom amigo, sr. Nunes da Silva, redactor do semanário E'cos de Cacia.

Foi pedida em casamento para o sr. dr. Fernando de Castro, filho dilecto do velho republicano da Vila da Feira, dr. Elisio de Castro, que acaba de concluir a sua formatura em direito na Universidade de Lisboa, a sr.ª D. Maria Emilia da Costa, estremecida filha do sr. dr. Afonso Costa, atual ministro das finanças.

Impossivel — Os serviços clinicos do sr. Eugenio Ribeiro impedirem-lhe que, no fim de cada mez, venha receber o ordenado de governador civil.

O hospital

Incansavel nos seus esforços, o novo provedor da Mizericordia, não arrefece um momento sequer na faina persistente de obter tudo quanto possa trazer um impulso á grandiosa realisação do seu plano: concluir os trabalhos iniciados para o complemento das obras dos edificios destinados ao hospital da cidade e dar principio a outras que implicam a execução duma vasta obra, que, concluida ela, colocará Aveiro no primeiro logar, como possuidor dum dos mais completos e modernos melhoramentos avaliado sob todos os pontos de vista.

Dia a dia se vae evidenciando o explendido resultado obtido nas obras que ha já mezes tivéram comêço e que abrangeram, como se sabe, não só a completa modificação da estrada que liga a cidade até ali, como ainda as importantes modificações e construções a dentro dos dois grandes corpos do edificio, ligando-os entre si, ajardinando o terreno, traçando ruas, abrindo entradas, fazendo canalisações para determinados fins como agua, luz, despejos, etc., etc.

Observados em exclusivo estes trabalhos, eles por si só representam um explendido esforço e uma rara vontade de quem tanto a peito tomou a realisação desta tarefa, que representa o mais completo melhoramento e a conquista inadiavel duma obra que se impunha, mas que todavia a pequenez de espirito duns e o abandono criminoso do maior numero, tinha posto de parte com a mais cinica indiferença.

Mas o dr. Lourenço Peixinho não limita no complemento de toda a obra começada o seu programa benéfico e altruista.

Estão já lançados e construídos os alicerces para um pavilhão destinado ao tratamento de tuberculosos, a planta do qual, submetida á apreciação e estudo dos especialistas da terrivel doença, encerra e traduz tudo quanto de mais moderno e prático se tem adoptado nos grandes sanatorios com aquela aplicação.

Foi o dr. Peixinho pessoalmente á Guarda observar e consultar, confrontando o que indicava a planta a adoptar com o que naquela cidade admiravelmente está estabelecido, ouvindo tambem a opinião do director do Sanatorio, o eminente especialista Lôpo de Carvalho.

O pavilhão com este destino está sendo construido ao nascente do edificio onde fica a enfermaria das mulheres, devendo em frente,

Ponto aberto

Executa-se em qualquer obra branca ou de côr.

Maria d'Apresentação Ferreira da Maia

Rua da Revolução, n.º 15

AVEIRO

para o lado do sul e na mesma situação com referencia á enfermaria dos homens, ser construido outro pavilhão destinado ao tratamento de molestias infecto-contagiosas.

A seguir, em direcção sempre para o nascente até ao extremo limite do terreno, que é propriedade do novo hospital, serão ainda construidos outros pavilhões com os seguintes destinos: pavilhão para maternidade, idem para esterelisações, idem para lavanderia, idem destinado a casa mortuaria e respectiva sala para autopsias, fechando estas duas alas de edificios, ao fundo, o grande poço e a poderosa bomba que deverá fornecer agua para todos eles e que se acha em via de conclusão. Será ajardinado todo o terreno que fica entre as duas alas de construções já referidas, sendo edificado, o que já se encontra em bastante progresso, junto á marquise, entre as duas grandes enfermarias ou principaes corpos do hospital, um outro pavilhão destinado ás operações cirurgicas.

Conhecido todo o grandioso plano, que muito resumidamente aqui relatâmos, a sua propria grandeza será o primeiro factor a levar ao espirito de muitos a convicção da absoluta impossibilidade da sua realisação.

Porque? Falta de energia, e de dedicação do homem que pôz toda a sua vontade ao serviço desta causa, não será com certeza. Os esforços por parte do dr. Lourenço Peixinho são inexgotaveis, mas o que sem duvida se esgotará serão os recursos para levar a cabo a monumental obra com que patriotica e humanamente se pretende dotar Aveiro, ha tanto tão criminosa e indiferentemente abandonado por muitos que tudo lhe devem.

Em homenagem á verdade teremos de referir que muitas bolsas se tem aberto, generosas e francas, ao apêlo feito pelo provedor que a quantos não pódem satisfazer-lhe os pedidos naquela especie, em trabalho, em fazenda ou de qualquer outra fórma teem atendido as solicitações que lhe são feitas. Contudo nem isso nem a formidavel tenacidade do dr. Lourenço Peixinho chegarão para conseguir a quantia indispensavel e correspondente á conclusão das obras que para muitos, apezar do já efectuado, parecerá um sonho.

Está o parlamento fechado. Se essa circunstancia se não désse, aqui lembrariamos aos representantes do circulo de Aveiro o procedimento dos seus colégas Constancio de Oliveira e Lucio de Azevedo, apresentando na sessão de 9 de Maio um projecto de lei tendente a autorisar a abertura dum crédito de determinada importancia destinado á concessão dum subsidio á Mizericordia de Torres Vedras, para que o imitassem.

Não seria de mais legual pedido.

Aveiro é, sem contestação, uma das terras que menos pesada tem sido ao tesouro publico para o qual ela concorre com avultadas quantias nem delas recebendo a parte que a lei lhe consigna.

A todos os seus filhos e aos seus representantes em côrtes cabe, pois, o indeclinavel dever de juntar o seu empenho ao maximo esforço que ha tanto vem empregando quem, pondo de parte o seu amor á sciencia e á humanidade, poderia, descançado e indiferentemente, seguir a estrada dos seus antecessores—de opa e vara na mão atraz do *Ecco-Homo!...*

Bem haja o dr. Lourenço Peixinho pelos grandes beneficios que está prestando á sua e nossa terra.

CASSIANO RIBEIRO

No n.º 30 da *Resistencia*, bisemanário do Partido Republicano Português no distrito de Coimbra, saído a 26 de Maio ultimo, deparou-se-nos o seguinte ácêrca deste velho e convicto democrata:

«Conhece-o o país inteiro pela sua dedicação á causa republicana, a que votou todo o ardente patriotismo, todo o entusiasmo, toda a acção eficaz da sua organisação combativa e da sua alma sempre cheia de fé no triunfo dos ideais democraticos.

Sobre tudo em Coimbra de todos é conhecido pela sua longa vida de apostolado republicano e póde dizer-se que foi ele, em sucessivas gerações, tanto na academia como fóra dela, o mentor desvelado, o protector desinteressado de quantos o seu espirito persp caz descobria talhados para comungarem no seu ideal de liberdade e de justiça.

E, se em excepções, que muito o magoaram, ás vezes se enganou, é certo que foram excepções apenas.

Uma vez proclamada a Republica, o dedicado e leal republicano, guiado por fatais afinidades, achou-se ligado ao partido evolucionista, onde, apezar dos elementos heterogenios com que deparou, e de se vêr torturado pelas contrariedades que eram para o seu espirito os erros de toda a ordem dos chefes, relevantes serviços prestou áquele partido e alguns dos que nele hoje usam penacho alto ao seu apoio e só ao seu apoio e valiosa cooperação o devem.

Quando ha tres anos, a propósito da faculdade de direito, tanta chicana fez o evolucionismo, Cassiano Ribeiro soube manter a linha honesta, viu o problema nacional e o problema coimbrão pelo seu verdadeiro prisma, e não foi por sua culpa que Coimbra então perdeu muito,... que Coimbra não tem já melhoramentos que ainda hoje reclama...

Mas a sua má estrela politica não o largava e ele teria de pertencer a essa célebre vereação que, atra ez de dois anos e meio de inepta e esteril administração, nos havia de conduzir a... pôr um seixinho na bôca para matar a sêde e um dedo no nariz por causa do máu cheiro do matadouro...

Cassiano Ribeiro teria pois de libertar-se de um meio tão asfixiante, de uma tão heterogenia companhia.

Como e por que causa ocasional o fez, já ele teve ocasião de o explicar aqui na *Resistencia*.

Hoje o nosso amigo é apenas o que foi sempre—é republicano.

Mais cheio de fé, de mais ardente patriotismo, de mais decidida e pronta acção para tudo o que dele possa exigir a vida e a segurança da Republica, que ele em longos anos de propaganda e sacrificios de trabalho e dinheiro ajudou a fundar, não o póde haver.

No seu pessimismo de momento não póde acreditar quem lhe conhece a fibra e a tradição.

Pois, em nome talvez da *união sagrada*, o centro evolucionista, onde hoje pontifica o sr. Lima Duque, acaba de retirar do logar que ali ocupava o retrato de Cassiano Ribeiro!

Todos os republicanos sincéros, todos os austeros democratas, todos os verdadeiros patriotas, que ainda não evolucionaram do que sempre foram, felicitarão nesta hora o velho e dedicado liberal!

As nossas felicitações tambem!»

E as nossas, coléga, e as nossas muito sincéras, muito do coração.

Nós somos do numero daqueles que ha uns bons catorze anos frequentavam assiduamente a casa de Cassiano Ribeiro, na Calçada, e com ele aprenderam a amar a Republica, dedicando-se a toda a especie de trabalhos para apressar a quéda da monarquia. Nós somos do numero daqueles que receberam dele inspiração e alento; do numero daqueles a quem ele guiou e deu conselhos. Pertencemos a essa geração que o teve por mentor em Coimbra e que, dia a dia, o escutava, ouvindo-lhe animadoras palavras de intransigente fé politica, que lhe davam jus á estima e veneração de todos os correligionarios.

E porque fomos desses, e porque Cassiano Ribeiro é ainda hoje o indefectivel republicano de sempre, explicada se acha esta manifestação de solidariedade que o conhecimento duma galegada plenamente justifica, galegada que o não atinge, apezar de partir dum *duque*, que lhe não deminue o prestigio nem faz perder as simpatias de que gosa entre os que o tiveram por companheiro de luta e se ligaram para preparar aos vários *duques*, que enxameiam o país, a mangedoura que lhes alimenta as convicções republicanas...

Raridade — A cara e o sobretudo do *Bichêza*.

Uma partida de estudantes

O caso passou-se no sabado, em Coimbra, e originou-o este anuncio que veio publicado nalguns numeros do *Primeiro de Janeiro*:

CASAMENTO

Comerciante com magnifico estabelecimento, não idoso, apresentavel, ilustrado e com fortuna, desejaria consorciar-se com senhora tambem livre, de boas qualidades e com alguns meios. Absoluta seriedade. Dá e exige informações completas. Só tratará com quem indicar sua morada ou outro adresse para resposta. Dirigir carta com os possiveis esclarecimentos a este jornal, a C. D.

Ora foi em face disto que um grupo de estudantes se deu á espirituosa tarefa de responder a C. D. que por sua vez entabolou a conversa, trocando-se larga correspondencia, bem curiosa por sinal.

Os dias foram passando num continuo vai-vem de cartas amorosas em que o homemsinho ia dizendo de si—quem era, modo de vida, onde possue os meios de fortuna, etc., até que chegou a ocasião de ser aprazada a primeira entrevista em Coimbra, terra da *noiva*, para o finalisar de explicações, conhecimento entre ele e a sua... *amada* e disposições para a ceremonia do casamento.

A esse tempo já C. D. possuia uma fotografia que os rapazes se não esqueceram de enviar-lhe e que talvez—quem sabe?—concorresse para apressar a viagem.

Por meio dum aviso fixado á Porta Ferrea da Universidade foi prevenida a academia que ó *noivo* chegaria no sabado e que era preciso saudar o *feliz*, ao aparecer, tanto mais que a combinação para os noivos se conhecerem e aproximarem era—ele, de fato amarelado, chapeu verde, sem colête, uma malinha na mão e de lunêtas; *ela*, metida em trem, que seguiria, a passo, ao longo da Avenida Navarro, levando trintanário na almofada.

A' hora combinada lá se via, á Avenida, o carro, e ele, que de manhã se tinha hospedado no Hotel Avenida, apenas o lobrigou, sáe á rua e dirigia se-lhe, quando o trintanário—um estudante de *bonet* agaloado e jaqueta de péles, fazendo lembrar o celebre França *Rolié*—lhe comunica que a senhora o espera.

Não houve um momento de duvida, a mais leve exitação—o sr. Virgilio Ramos, que é dono de um restaurante vegetariano na Avenida da Liberdade, em Lisboa, o C. D. do anuncio—entrou confiadamente no carro.

O grosso dos estudantes, para não despertar suspeitas, mantinhase ao largo; porém, mal *bispou* o carro com o par, logo seguido por outro conduzindo testemunhas para a ceremonia do registo civil, que o sr. Ramos decerto não *esperava* tão cêdo, oficial ou conservador para lavrar o auto e outros personagens, cáe-lhe em cima, saúda o sr. Ramos, aclama o sr. Ramos, glorifica o sr. Ramos, que só então repara que a seu lado se senta um autentico rapagão, belamente encadernado em *chic* fatiota de filha de Eva.

O desabar da ilusão, tanto mais que a esta altura ia já dentro da cidade, á rua Ferreira Borges.

Não lhe restando duvidas dos assados em que se via, á Praça 8 de Maio ainda diligenciou saltar do carro, mas não o conseguiu, recebendo, a proposito, o conselho de não dar a *casca*, não ir á *serra*, que melhor seria.

Resignou-se, que não havia outro remedio; e, rodeado de grande massa de estudantes, á qual se juntou outra de curiosos, ele seguiu, alvo de gargalhadas e piadas, até uma *republica*, a do *Comêta*, fronteira ao Jardim Botanico—edificio... para a ceremonia do registo.

Aí, o pagode chegou ao auge, mas diga-se em abono da verdade,

Remedio francês

Em todas as pharmacias ou no deposito geral J. DELIGANT, 15, rua dos Sapateiros, Lisboa. Franco de porte comprando 2 frascos.

que o sr. Ramos se aguentava já bem no balanço.

Apresentou-se da janela á multidão, que berrava vivas e coisas várias, ao mesmo tempo que a *noiva* o apertava nos braços e cobria de beijos.

Recolheram para o registo. Feito ele, voltaram á janela, com o conservador, que leu o auto, de um brejeirismo que póde supôr-se, sendo nessa ocasião o noivo adornado com uma *corôa de chifres*.

Os rapazes entoavam em côro o—*Já casou*...

A certa altura, o sr. Ramos fez sinal de que ía falar. Silencio. Muito senhor de si, sem se desmanchar, agradeceu a manifestação, que jámais lhe esquecerá!

Gritaram depois que os *noivos* íam visitar a Universidade e para lá seguiram nos carros, acompanhados pela multidão, que não cessava de rir a bom rir; deram volta ao pateo, foram para a rua da Matematica, dali para a baixa e outros pontos, deslisando os trens por entre alas de povo, que alegremente comentava a *partida*.

Ao fim da tarde realisou-se um jantar oferecido aos noivos, que previamente se fotografaram, indo por ultimo a academia despedir-se do sr. Virgilio Ramos á estação, onde, á abalada do *rapido* para Lisboa, redobraram as manifestações no meio de estridentes gargalhadas de troça ao vegetariano, que de Coimbra levou que contar e ainda na capital está sendo alvo da montaria que lhe fazem estudantes e populares defronte do estabelecimento, como epilogo da scêna amorosa que o imortalisou na terra das arrufadas.

Pois sr. Virgilio: para que fique sabendo que não é impunemente que se muda de regimen alimentar... andando pela provincia a conquistar donzelas...

Teatro Aveirense

Está assente. No proximo dia 6 fará a sua estreia a magnifica Companhia do Ginásio, com a engraçada comedia **O senhor roubado**. Em 7 subirão á scena a preciosa joia literaria de Julio Dantas **Soror Mariana** e a comedia de Gervasio Lobato **Em bôa hora o diga**, cujo desempenho é admiravel.

Todas as peças serão postas em scêna com todo o rigor, e com o explendido scenario da Companhia.

A assinatura vai muito adiantada, sendo de prevêr duas colossais enchentes, pelo que aconselhâmos os nossos leitores a não se descuidarem na marcação dos seus lugares, na *Tabacaria Havaneza*, aos Arcos.

Joaquim Antonio de Aguiar

Faz hoje 42 anos que se finou na quinta do Ramiro, no Barreiro, o autor da lei que extinguiu as ordens religiosas em Portugal.

O cadaver do grande liberal foi mais tarde transportado para o cemiterio de Coimbra, em cuja cidade nasceu, tendo lhe sido levantado um monumento, na Portagem, para perpectuar a sua memoria.

MANUEL Joaquim Ribau, com prática de ensino e com o curso secundário, lecciona para o exame de admissão ás Escolas Normais.

R. dos Tavares, n.º 1.

Arte musical

Realisou-se no dia 12 de maio ultimo, no salão do Conservatorio de Lisboa a apresentação da sr.ª D. Judit de Sousa e Mélo, distinta discipula da eminente professora do Conservatorio D. Adelia Heinz.

Com a mais intima satisfação registâmos mais um triunfo daquela insigne pianista que há pouco mais de dois anos tivemos ocasião de escutar durante a sua curta demora nesta cidade. A deliciosa musica que então ouvimos, executada com um mimo e correcção inexcediveis, deixou-nos a inapagavel impressão que tinha diante de si um futuro cheio de triunfos. E para comprovar os nossos juizos de então, transcrevemos da *Luta* de 13 de maio ultimo as seguintes elogiosas referencias:

«**Recital de piano no Conservatorio** — Verdadeiramente não foi uma surpresa, para nós, a fórma brilhante e elevadamente artistica, como ontem se conduziu na sua apresentação como pianista, em um recital realisado no Conservatorio e com um programa cheio de responsabilidades, a sr.ª D. Judit de Sousa Mélo, uma das discipulas da ilustre professora do Conservatorio, sr.ª D. Adelia Heinz, que maior merito, de ha muito, tinha revelado. Foi na presença de uma assistencia numerosa de *élite*, da que ouve, quer e sabe ouvir musica, que a nova pianista exibiu os primores da sua arte, que cultiva com amor e com talento, duas qualidades asseguradas de triunfo. Da sua tecnica poderosa, da segurança de execução, do colorido magnifico, da interpretação tão bela que traduz toda a beleza de uma alma de artista, resultaram os aplausos frementes e merecidos, com que foi premiada esta artista que, honrando-se, honra muito a sua ilustre professora. A' *Rapsodia Hungara*, de Liszt, á *Fileuse*, de Raff, *Estudo*, de Chopin e outras partituras, imprimiu M.lle Sousa Mélo um brilho estranho, interpretando-os com inteligencia e com a segurança que só com talento se adquire. Deve ter-se orgulhado, justamente, por tão notavel discipula, a sr.ª D. Adelia Heinz. A esta e áquela, que ante si tem aberta, de par em par, uma carreira cheia de triunfos, as nossas sinceras felicitações.»

Em termos igualmente honrosos se lhe dirigem tambem os jornais o *Seculo* e o *Diario de Noticias* da mesma data, transcrevendo parte do programa com que, no dizer dos entendidos, ela conseguiu empolgar o escolhido auditorio pelo primor da sua tecnica e o esplendor da sua magistral execução.

Fizeram referencia especial aqueles jornais aos seguintes trechos: *Le tambour bat aux champs*, de Alkan; *Benediction de Dieu dans la solitude*, de Liszt; *S. François de Paule marchant sur les flots*, de Liszt; *Rhapsodie hongroire*, de Liszt; *Chula do Douro* e *Balada*, de Viana da Mota; *Fileuse*, de Raft; *Imitation à la Valse*, de Weber; *E'tude*, de Chopin e *Scherzo*, de E. d'Albert.

Pena é que ainda até hoje ninguem, em Aveiro, se tenha lembrado de convidar a distintissima pianista, tão relacionada nesta cidade, para um concerto no teatro, pois estâmos certos que seria preferivel a quantas pachuchadas pretenciosas nos queiram impingir a titulo de beneficencia.

Credito Agricola

—(*)—

Até hoje, os capitais mobilisados pelas Caixas de Credito Agricola Mutuo, só com as subvenções do Estado, concedidas pela Junta de Credito Agricola, atingiram a importancia de 1:299:102$592 distribuida por 3210 emprestimos aos socios agricultores e sindicatos agricolas.

Com capitais proprios, provenientes de depositos e lucros, emprestaram as mesmas Caixas, até fim de Junho do passado ano, 213.405$20 distribuidos por 819 emprestimos, o que prefaz a totalidade do capital mobilisado de 1.512:508$12 abrangendo 4029 emprestimos, em cujo numero entram os emprestimos colectivos dos sindicatos de que beneficiam um grande numero de agricultores e destinados, principalmente, á compra de maquinas para exploração em comum; á compra de sulfato e enxofre, de que, parte foi directamente importado pelos mesmos sindicatos, á compra e pagamento de adubos quimicos, utilisados nas duas ultimas sementeiras de cereais.

Das 63 Caixas instituidas e que abrangem todos os distritos do país, com excepção dos do Porto, Coimbra e Faro, funcionam 49; as restantes de recente fundação, brevemente devem entrar em actividade, sendo avultado o numero das que estão em projecto.

Convêm notar que não deve repugnar á probidade inconcussa da classe agricola servir-se do dinheiro que não é seu para trabalhar, visto que isso só testemunha iniciativa, e o credito tem sido sempre a alma das grandes emprezas.

Tambem não se devem amedrontar com os maus anos da lavoura, porque os emprestimos deixam-se continuar até um prazo de vinte quatro mezes e nalguns casos até quinze anos, reservando só o Estado os rigores da lei para quem o tentar defraudar.

As garantias pódem ser fiança (até simples letra sem sêlo), penhor (o que póde ficar na posse do devedor), consignação de rendimentos e hipoteca.

Quanto aos trabalhos que se pódem empreender, o Estado empresta para todos os trabalhos agricolas, compra de adubos, forragens, etc., construções de obras, como lagares, abertura de poços, etc., emprestimos estes pagaveis dentro de quinze anos.

A legislação de Credito Agricola em Portugal já foi remodelada pela lei n.º 215 de 30 de Junho de 1914, publicada no *Diario do Governo*, 1.ª série, n.º 107 da mesma data, havendo actualmente entre nós o que há de mais moderno no assunto, a saber: a libertação de dividas hipotecarias, a remissão de fóros, emprestimos amortisaveis a longo praso, a taxas constantes, etc.

Gozam as Caixas e os Sindictos, a quando anexos, de importantes imunidades postais e fiscais.

Para se fundar uma Caixa é necessario fundar-se simultaneamente um Sindicato e para isso a Junta de Credito Agricola—Ministerio do Fomento, rua do Alecrim n.º 45, Lisboa—fornece gratuitamente instruções impressas, com todos os modelos (estatutos, documentos, etc., etc.), com os quais em quinze dias uma dezena de lavradores pódem vêr fundadas estas duas benemeritas instituições.

Casa da Costeira

Souto Ratola — AVEIRO

Loteria de Santo Antonio

PRIMEIRA EXTRAORDINARIA

EXTRAÇÃO A 9 DE JUNHO DE 1916

PREMIOS MAIORES: 90:000$000 10:000$000

1 de 2:000$00, 1 de 1:000$00, 2 de 500$00, 10 de 200$00, 250 de 80$00, 549 terminações de 40$00, 2 aproximações de 370$00 e 9 de 100$00.

Bilhetes a 44$000, meios a 22$000, quintos a 11$000, decimos a 4$400, vigesimos a 2$20 e quadragesimos a 1$10.

Cautelas de $60, $24, $12 e $06.

Bilhetes abertos em inscrições 2:604.

Grande variedade de numeros. Cautelas de todos os cambistas.

Listas a todos os compradores que as requisitem. Pelo correio mais 2 1|2 cent.

Pedidos á Casa da Costeira: SOUTO RATOLA---Aveiro

Aberta no domingo para a venda da loteria

Agua da fonte de Sula

(BUSSACO)

Em garrafões de 5 litros. $15

Agua da Curía

Em garrafões de 5 litros. $35

DEPOSITARIO

Bernardo Torres

AVEIRO

PELA IMPRENSA

"O Povo do Norte,,

Este nosso coléga de Vila Real dirigido pelo velho republicano Adelino Samardan, acaba de entrar no 22.º ano de publicação.

Felicitâmo-lo, desejando muito sincéramente a continuação das suas prosperidades.

Necrología

Aos estragos duma lesão cardiaca que de ha muito lhe vinha minando a existencia, sucumbiu no domingo passado na sua casa de Oliveira de Azemeis, o sr. Antonio José Carneiro Guimarães, escrivão do 1.º oficio e notario daquela comarca, funções que exerceu durante perto de 40 anos com todo o zelo e a maior competencia.

Era sogro do nosso antigo condiscipulo dr. José da Ponte Lêdo e dos srs. Henrique Alegria e José Ferreira e cunhado dos srs. Domingos Costa, Francisco Soares Pinheiro e Antonio Gomes Moreira.

O seu funeral realisou-se no dia seguinte, tendo um acompanhamento muito luzido e depondo os seus amigos algumas corôas e bouquets de flôres sobre o ataúde.

A toda a familia enlutada, mas especialmente ao dr. José Lêdo, o nosso cartão de pêsames.

Uma petição

—(*)—

Senhores Vereadores do concelho de Anadia:

Quem estas linhas escreve, para vosso conhecimento, há já uns doze anos e tanto que é professor no logar de Vila Nova. Desde que entrei aqui, até há muito pouco tempo, nunca me foi dado vêr qualquer politico a interessar-se pelo bem desta terra, a pugnar pelos seus interesses, como muitas pessoas de bem o faziam por toda a parte, e por isso Vila Nova, enquanto as outras localidades eram servidas com escolas, fontes, estradas e tantos outros melhoramentos, ficava num esquecimento profundo para só ser lembrada pelos reles politicos de todas as castas que simplesmente tratavam de explorar o povo pelas fórmas que a sua imaginação ia inventando, nas vesperas das eleições.

Foi sempre assim em monarquia e, depois do regimen republicano, politicos facciosos e sem escrúpulos que conseguiram transitar de lá pará cá, o mesmo caminho de sempre foram trilhando sem outros resultados que não fossem os da simples especulação. Assim, Vila Nova vai continuando com umas escolas mais reles que pardieiros, não tendo uma delas ar nem luz, como que verdadeiro ergástulo dos tempos da inquisição, onde morrem lentamente professores e alunos, e os seus professores residem em enxovias autenticas, por não haver mais casas na localidade. A fonte que abastece o povo continua a ser de mergulho, onde cantaros sebentos toldam e engordurram as águas, tendo ainda a agravante de passar a um metro de distancia uma regueira que conduz imundicies de quasi todo o logar e que com ela comunica muitas vezes durante o ano, transformando os depositos que formam a fonte em verdadeiras fóssas de retréte.

E, enquanto o resto do concelho vai tendo os seus melhoramentos, concedidos em muitas partes pela Câmara, mesmo depois de proclamado o actual regimen, Vila

Caldas de S. Jorge

(Vila da Feira)

(Estações da linha ferrea do Vale do Vouga mais proximas da Vila da Feira ou S. João de Ver)

Aguas hipotermais, hiporalinas, sulfidratadas, cloretadas, sodicas e *alcalinas*, notaveis pela enorme percentagem de *litina* e aplicaveis, com resultado superior a quaisquer outras, internamente, em doenças do aparelho digestivo, respiratorio e artritismo; externamente em doenças da pele, reumatismo em todas as suas modalidades, etc., etc.

Banhos de imersão, duches, inalações, pulverisações e irrigações nasais.

Abre o estabelecimento no dia 4 de Junho.

O medico-director,

Dr. Joaquim Alexandrino da Conceição

Facultativo municipal

Nova, sem ninguem que a considere, vai ficando para traz em tudo desde as coisas mais simples até ás mais justas!

* * *

Não é porque eu tivesse a pretensão de meter figura, salientando-me como politico ou de qualquer outra fórma, tanto mais que sempre me repugnou um tal *oficio*, mas, verdade seja, em certa altura, senti a necessidade de o *debicar um pouco*, não para meu proveito proprio, porque, como todos sabem, o *rendoso* emprego de há uma boa duzia de anos é o que hoje ainda saboreio no mesmo logar, mas para conseguir de algum modo qualquer beneficio em favor desta terra que, não sendo a da minha naturalidade nem sendo talvez aquela que me consumirá os ossos, a não ser que a morte me derrube mais cedo do que espero, me mereceu contudo a minha melhor atenção em vista do desprezo a que por todos tem sido lançada.

Os resultados que tenho obtido não teem sido tão grandes como seria para desejar porque, apesar de mudar o regimen, os homens são quasi os mesmos, mas, em todo o caso, não são para desanimar.

Depois de esforços que bem podiam ser evitados se a politica em Portugal fôsse o que se entende pela verdadeira acepção da palavra, vim finalmente a conseguir do governo da Republica um subsidio de 1:000$00 para as novas escolas deste logar e, depois de sérias e longas escaramuças que sustentei com a Junta local (mas que hoje, felizmente para todos, se esvaíram por completo) outro-sim consegui egual quantia dos seus cofres.

Mas tudo isto era ainda muito pouco para tão grande empreendimento que levará o melhor de cinco contos depois de tudo completo, tanto mais que para vêr se *de uma só cacetada eram mortos dois coelhos*, era intenção minha, que foi muito bem recebida pelo povo, promover a captação de águas que, passando pelas escolas, fossem tambem alimentar um chafariz no meio da povoação. Necessario se tornou, pois, continuar e alargar mesmo a esféra da pedincha, e por isso, ao passo que promovia por todas as fórmas novos donativos do governo, que desta vez só concedeu 800$00 (ainda que, diga-se de passagem, foi o unico donativo em todo o conelho onde tantas escolas o esperavam) fui pedindo tambem o concurso da Câmara donde pouco ou nada tem vindo para esta freguezia. Neste sentido, Senhores Vereadores, muitas foram as vezes em que compareci ás suas sessões, ora só, ora com outros cidadãos, daqui, a solicitar o necessario auxilio.

Dizia coisas. Argumentava devidamente, provava o que dizia e uma das provas que apresentei foi que a Câmara, a perder em principio, tambem ganhava depois, quando deixasse de pagar 100$00 em cada quatro anos para renda de casa do professor, etc. E tão bem ou tão mal calaram as minhas razões no espirito da Comissão Executiva que esta sempre prometeu, embora sempre fosse faltando, incluir qualquer verba nos seus orçamentos. O primeiro da minha *taluda*, se podesse ser, (desta vez ainda entrava a condicional) seria um suplementar do ano findo, que afinal saíu em *branco*. A época do proximo orçamento ordinário chegava-se e por isso nada de perder tempo. A' sessão de 5 de agosto de 1915 lá estava eu novamente perfilado com a Junta, regedor e mais cidadãos pedindo um subsidio para escolas e água. Gastou-se mais lógica, mais rétorica... mas tudo em vão, porque o dito orçamento saíu *rapadinho* para Vila Nova, apezar da Câmara ter prometido incluir uma verba como as suas forças permitissem.

Nunca eu quiz chegar ao cabo do mundo num só dia, mas tambem nunca desisti dos meus justos desejos senão quando, pela centésima vez, ainda nada me foi dado conseguir. Ainda faltava, pois, bastante terreno e assim, na primeira ocasião, fui inquerir quando haveria dinheiro para tão justa pretensão.

A Comissão Executiva, por uma só bôca, garantiu em plena sessão que era certo ser satisfeita no primeiro orçamento ordinário, pois que já tinha ficado um saldo mais ou menos para tal fim, sendo quasi certo que as condições melhorariam ainda até lá.

Bem; *faltaria o sol á lua* mas a ambicionada verba em tal orçamento seria um facto, e tanto assim, que o sr. presidente incumbiu logo o sr. vice-presidente de tomar conta do caso para que lhe não esquecesse á confecção do dito orçamento.

Acostumado como ando a vêr de tudo, nada me admirando do que vou vendo, pelo sim e pelo não, eu é que me não esqueci de, a proposito de tudo, ir lembrando ao sr. vice-presidente que devia incluir 500 ou 600 escudos no orçamento, não só porque Vila Nova —uma das maiores freguezias do concelho—nada conseguiu até hoje da Câmara, senão porque quando fôsse discutida tal verba nunca a discussão seria tão acêsa, em vista dos prometimentos feitos, que não deixasse ao menos passar metade. Nem sempre o sr. vice-presidente ouvia a minha sacramental perlênga com atenção e tanto que por ultimo tive de tomar a resolução de lhe falar da banda de fóra da porta para evitar que me visse arrebatado até ao meio da estrada com a explosão de meia duzia de bérros. Com muito ateimar consegui que o ultimo orçamento, que foi discutido pela Comissão em 11 do corrente mez, mencionasse a insignificante verba de 200$00 que afinal foi de todo *varrida* porque os seus membros, esquecidos dos prometimentos que tantas vezes fizeram, pouco ou nada pugnaram por ela, regeitando-a mesmo a maior parte!...

Poderia eu, Senhores Vereadores, conseguir fazer-me acompanhar de bastantes cidadãos desta freguezia e em uma sessão da Comissão fazer vêr a razão que me assiste no que venho expondo.

Opto, porêm, por outro processo mais diplomatico, e ainda no sentido de alguma coisa poder obter, não indo de porta em porta, como alguem aconselhou, mendigar aos Senhores Vereadores a inclusão no orçamento do que me é devido por ser prometido, mas lembrando-lhes daqui mesmo, mais uma vez, tudo quanto exposto fica e que é de alta necessidade ser satisfeito. De mais o orçamento fechou com bastante saldo, o qual, na aprovação para que se acha convocada já a Câmara para o dia 8 do corrente, póde reverter em favor da pretensão justa deste logar, com mais qualquer coisa que para tal fim seja destinado.

E assim a Ex.ma Câmara prestava um outro serviço digno de registo, qual era o de honrar os compromissos da sua Comissão Executiva e propriamente os seus, porque tambem prometeu com ela em uma sessão plenária a que assisti com bastantes cidadãos de Vila Nova.

Vila Nova, 1 de Junho de 1916.

José Nunes Cordeiro

Impossivel—O *Flautas* deixar de ser o tipo mais disfrutavel de Aveiro.

Dentista Milheiro

(DE ESPINHO)

Vem dar consultas a Aveiro ás terças e sextas-feiras, das oito horas ao meio dia, no consultorio do dentista Teofilo Reis, á Rua Direita.

VINHOS DO PORTO

Experimentem os da casa

Rodrigues Pinho

—DE—

VILA NOVA DE GAIA

(Porto)

Pois são dos melhores que ha

O fino **Moscatel velho** ou o vinho superior **Regenerante**

ANUNCIOS

Ervario Aveirense

DE

Joaquim M. Luz & Filho

PRAÇA DA REPUBLICA, 1

Sucursal do Ervario Portuense

A primeira casa de plantas medicinais que se fundou no Porto em 1910, na rua do Bomjardim, n.º 520-522-loja.

As casas que melhor fornecem plantas medicinais para a cura de variadissimas doenças.

Casa

VENDE-SE uma, de dois andares, situada á esquina da rua do Sol, quem vai da Praça do Peixe.

Trata-se com Antonio Rodrigues Jeronimo, na *Garage* do Largo Bento de Magalhães, nésta cidade.

POSTAIS INGLEZES

Casa da Costeira

Dentista

Candido Dias Soares

Cirurgião-dentista pela Escola Medica do Porto, tambem conhecido por "Candido Milheiro" ou "sobrinho do Milheiro"

Abriu o seu consultorio permanentemente desde o dia 1 de fevereiro do corrente ano na rua dos Mercadores, n.º 8—1.º

AVEIRO

EDITAL

O cidadão Antonio José de Almeida, Presidente da Junta de Paroquia de Vila Nova de Monsarros, concelho de Anadia:

FAÇO saber, pelo presente e outros de igual teôr, que foi resolvido pôr em arrematação, por hasta pública, as obras escolares desta freguezia, na parte que diz respeito a alvenarias dos edificios e todas as mais referentes a todas as dependencias dos mesmos, em harmonia com a planta aprovada, entrando na mesma arrematação os vígamentos e cobertura dos edificios e suas dependencias.

As propostas dos licitantes serão feitas em carta fechada, que se receberão até duas horas antes da marcada para a praça, a qual terá logar no dia 11 de Junho proximo, pelas 12 horas, na sala da Escola masculina deste logar.

Os respectivos cadernos, planta e mais condições, estão patentes na referida Escola todos os dias úteis, das 10 ás 16 horas, onde os interessados os poderão examinar.

E, para constar, se passou o presente e outros que vão ser afixados nos logares públicos e publicados em vários jornais.

Vila Nova de Monsarros, 21 de Maio de 1916.

O Presidente da Junta,

Antonio José de Almeida

AGUA

Caldas Santas

DE

Carvalhelhos -- Traz-os-Montes

Infalivel nas molestias de pele: **ulceras, eczemas, pseriasis, etc.,** que não admite confrontos.

Curas maravilhosas.

Efeitos assombrosos nas manifestações artriticas: **rins, bexiga, intestinos, figado e estomago.**

Grande dissolvente do acido urico. Magnifica agua de mesa.

Vende-se em caixas, garrafas de litro e quarto, garrafões e ao copo.

Depositario unico no distrito

Casa da Costeira

Souto Ratola—AVEIRO

Grande deposito de pianos das marcas *Weber-Farrand* e *Dawson* e bem assim PIANOLA, PIANOLA-PIANO e *Orgãos*.

A *Pianola* é nada menos do que um organismo, cujo fim é substituir os dedos humanos na arte de tocar piano, pois esta exige largos e muito penosos estudos.

A *Pianola-Piano* é um piano tendo inteiramente aplicada a *Pianola*, podendo assim ser tocado com os dedos como qualquer piano vulgar, ou por intermedio da *Pianola*, cuja execução se obtem por meio de pedalagem.

Representante neste distrito

Baptista Moreira

RUA DIREITA, 72-A E 72-B—**AVEIRO**

Deposito de musicas e acessorios por preços sem competencia

Nova fabrica de telha em Aveiro

A Ceramica Aveirense

—DE—

JOÃO PEREIRA CAMPOS

SITA NO CANAL DE S. ROQUE

O proprietario desta fabrica participa aos srs. mestres de obras, revendedores e ao publico em geral, que se encontra habilitado a satisfazer qualquer pedido de telha, tipo Marselha, e doutros, telhões, tijolos vermelhos e refractarios, ladrilhos, azulejos, tubos de grez, cimentos, etc., etc., e pede para que não façam as suas compras sem uma prévia visita á sua fabrica para avaliarem a qualidade dos seus produtos.

Aos srs. mestres de obras e revendedores, descontos convencionaes. Manda amostras e preços a quem os requisitar.